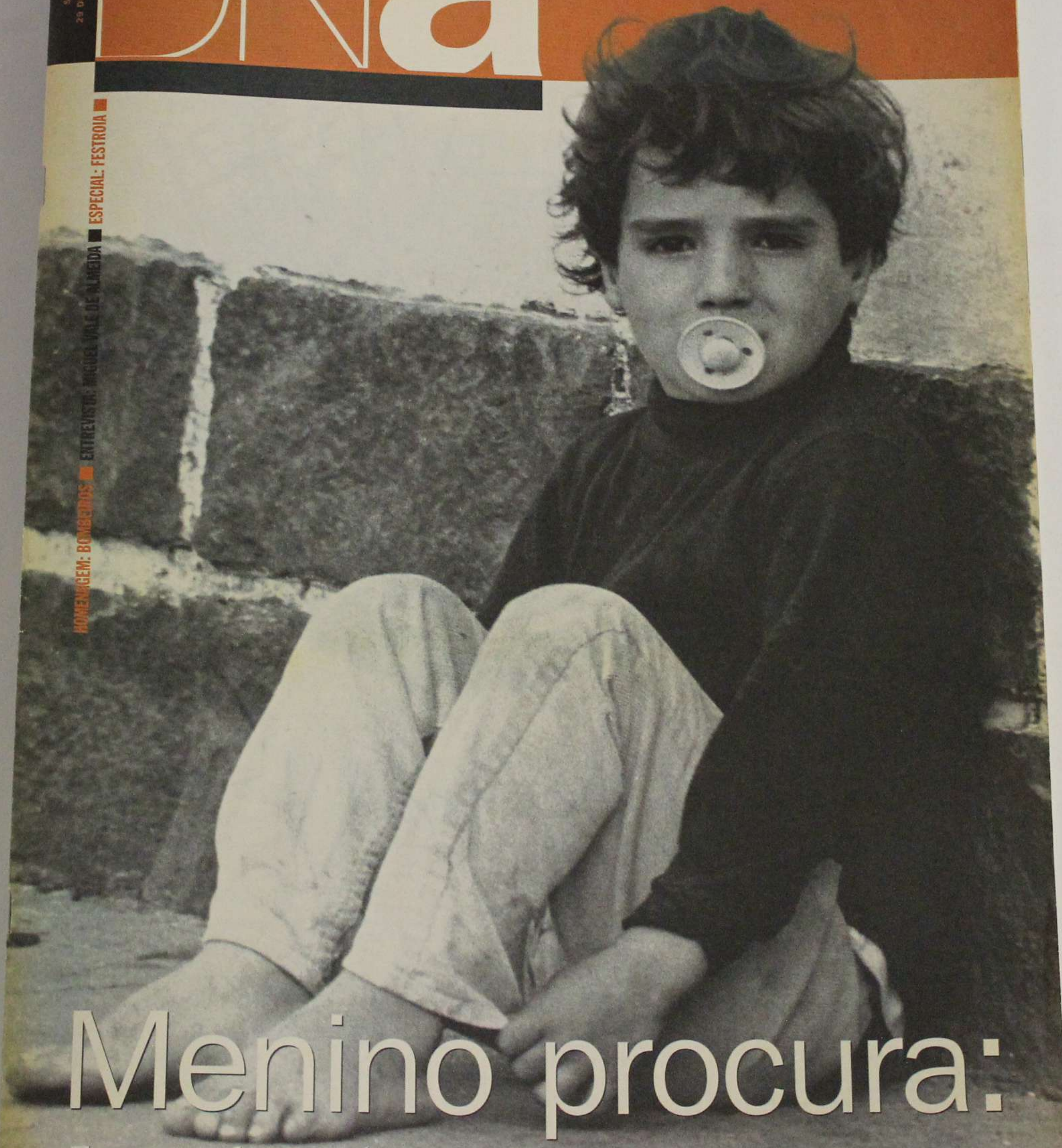


SABADO - N.º 131
28 DE MAIO DE 1999

DNa

HOMENAGEM: BOMBEROS ■ ENTREVISTA: MIGUEL VÁLE DE ALMEIDA ■ ESPECIAL: FESTROIA



Menino procura:

Fazer surf com tábuas de madeira, anzol e linha para pescar, o mar todo para ele, a felicidade à mão de semear. É um menino de Rabo de Peixe, nos Açores

FESTIVAL INTERNACIONAL de CINEMA de Troia



3 A 12
DE JUNHO
DE 1999

CÂMARA MUNICIPAL
DE SETÚBAL
REGIÃO DE TURISMO
DA COSTA AZUL

Crónica

O tempo dos golfinhos

Memórias de belos tempos passados à sombra de um Festival de cinema único

TEXTO DE TERESA MAIA E CARMO

Falo à distância de uns anos, pois não tenho o prazer de lá ir há uns três ou quatro. Mas qualquer festiva-leiro assíduo do FesTroia sabe lindamente que aqui-lo é muito mais que uma simples mostra de cinema. Além de todo o -justo - mérito da equipa organiza-dora que, ao longo dos anos, soube demonstrar com um sorriso uma misteriosa dose de paciência e bo-nomia para todos os seus convidados, Troia é perfei-to para mais tarde recordar.

Costumava ocorrer um suspeito corrupio em tor-no dos quartos ou apartamentos disponíveis por cada órgão de informação, às primeiras notícias do festival. À época, tudo se passava ainda em Troia, na Torralta, e não em Setúbal, como agora. Era certo que os ca-maradas da música, dos livros, dos labores que fos-sem, nos fariam uma visitinha num ou noutra fim de semana. E nem sempre devido ao fervor cinéfilo, que algumas das antestreias podiam e deviam provocar.

De maneira que era sempre uma alegria. Grandes mesas ajougadas de conversas seríssimas sobre o fu-turo do cinema português ou europeu ou americano, escritas postas avidamente em dia, enfeitadas a ane-dotas de salão do mais variado timbre. Excelentes aper-itivos para notáveis excursões almoçaristas, sempre capitaneadas pelo sábio Pedro Bandeira Freire, a quem muitos devemos um conhecimento minucioso do ma-pa gastronómico da Costa Azul.

E, sim, apesar de tudo indicar o contrário perfeito, também se trabalhava. Sobretudo viam-se filmes. Há lá coisa mais maravilhosa do que acordar e matabi-char logo um filme, ou dois ou três? É que o FesTroia, com a sua especialização na divulgação das pequenas cinematografias, pode não ser muito comercial, mas foi sempre a oportunidade, bastas vezes única, de ver em Portugal filmes que não se podem ver em mais lado nenhum, ou não se podiam até há poucos anos. Entre retrospectivas, ciclos e homenagens, foi lá que se viram as produções da América Latina, Cuba, Pe-ru, Argentina, os clássicos «independentes america-nos», filmes do Burundi, dos então países de Leste, da Turquia.

Os outros não sei, mas foi lá que vi o «meu» pri-meiro Wiseman, nesse inesquecível documentário so-bre Aspen, a minha primeira «História Chinesa de Fantasmas» - que depois o Fantasperto complementaria a grande altura - e o delirante «O Espadachim», introdução à espalhafatosa produção de Hong Kong, aqui com o selo de Tsui Hark. Foi lá que aspirei com atitude beata ao nível da ocasião o filme inacabado de Orson Welles, com a voz de Jeanne Moreau a pro-

Troia era um festival à parte no escasso

roteiro anual português. Porque se passava

ali, com praia ao lado, restaurantes de pri-

meira água perigosamente próximos e

(quase sempre) bom tempo. Com a agra-

vante de se dar nesta altura crítica em que

está tudo farto do Inverno e os primeiros

calores do verão se fazem sentir de forma,

bom, particularmente bem vinda. Não sei

se este cocktail explosivo de atractivos

extra-filmes foi pensado de propósito desde

o início, mas se foi, que não lhes doam as

mãos nem lhes pese a consciência

longar-se nos ouvidos por todas as horas seguintes. Consegui finalmente ver o mítico «Eraserhead» do Lynch -«no céu tudo é perfeito», e no inferno também. O opus tricolor e multigenial de Kieslowski, na pre-sença do próprio, um dos primeiros ciclos de cinema homossexual, ganhos retroactivos de valor inquantificável, como o dia em que vi mesmo como deve ser «O Leque de Lady Windermere», o Cassavetes todo de uma vez, o doce alfinete de «Texasville» de Bog-danovich que lançou de vez a moda das t-shirts com dizeres, e filmes aos molhos com nomes que ficam para sempre, como «Let's Kill All The Lawyers».

A caução dada pelo apoio de algumas das princi-pais organizações internacionais relacionadas com a produção e a crítica, como a FIAPP, a FIPRESCI ou a OCIC, credenciaram o Festival desde cedo. Além des-tas partes sérias, havia sempre as partes gagas das es-trelas convidadas. Habitualmente eram grandes vedetas em fim de carreira, já sem nada a provar, o que duplicava o charme das entrevistas. É difícil de esque-cer a desenvoltura de Jane Russell, ainda com o generoso busto coroadado por uns espantosos olhos ver-des, a confessar que «cinema só vê o da televisão», com um balde de pipocas à frente e a mão do marido na sua, ambos geralmente em fato de treino. «Figu-res». Ou o afecto desmesurado do magnífico Bob Mit-chum pelo vinho português, que lhe fez tremer a co-vinha do queixo mais que o habitual, a bonacheirice de Mickey Rooney, um puto com 70 anos. E as gui-tarradas do Ben Gazzara (ai,ai), muito mais tu-cá-tu-lá que Kirk Douglas, que mantém o porte alivo de um spartacus demodée, a pinta de Lauren Bacall que con-serva lindamente todos os atributos que estontearam Bogart desde o dia em que o ensinou a assobiar.

As placas metodicamente descerradas por cada um deles estão lá todas, espalhadas pelo complexo da Torralta. São memórias de pedra que ajudam a solidificar as da brasa dos dias em que o FesTroia era um grande encontro de amigos. Do cinema e uns dos outros. O guineense Flora Gomes e o «gar-fo distinto» de M.S. Fonseca. A imponência estética de Chen Kaige e as patuscadas épicas em aparta-mento alheio. As «faltas» e os atrasos, sempre tem-peradas com o rigor de João Lopes, o denominador comum nas salas onde passavam todos os filmes in-dispensáveis. Os namoros desenfreados até ao fim de semana em que os/as legítimas se apresentavam. Isto é um bocado nostálgico? Pois é. É também um grande voto que este festival ímpar se mantenha as-sim, magnífico, como sempre foi. Com prémios que são Golfinhos, de oiro e prata, à beira do verão...não é pedir de mais. ■